



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A DEFASAGEM DOS JOVENS HOMENS NEGROS NO ENSINO MÉDIO: ARTICULAÇÕES DE GÊNERO E RAÇA

Beatriz Giugliani

Universidade Federal da Bahia – PosAfro bgiugliani@yahoo.com.br

Resumo do artigo: Este artigo foi construído a partir de investigação antropológica em andamento conduzido entre jovens negros do sexo masculino de escola pública na cidade de São Félix, no Recôncavo Baiano, Bahia. Busca descrever os processos cotidianos que tem conduzidos esses estudantes a abandonarem as salas de aula do Ensino Médio. Partindo de dados do PNAD/2009, Rosemberg & Madsen (2011) construíram gráfico sobre a distribuição percentual dos estudantes por curso frequentado, segundo sexo-cor/raça onde se percebe que são as mulheres brancas que apresentam uma distribuição mais igualitária considerando todos os níveis de ensino. Importa privilegiar aqui análises que deem conta da complexidade das interações entre relações de gênero e raça para interrogar a produção dessas desigualdades educacionais e compreender como estas representações são construídas e assumidas no contexto das formações discursivas e das relações de poder subliminares, sob a forma do poder simbólico. Essa análise de dados empíricos está sendo construída a partir de procedimentos metodológicos quantitativos e qualitativos, e tenta estabelecer uma visão aprofundada a respeito dos fatores que interferem no percurso dos estudantes negros e suas percepções em relação às próprias trajetórias familiares e escolares. Falamos de determinadas formas de masculinidade que fazem parte da trajetória de um grupo significativo de rapazes, daqueles abaixo no conjunto das hierarquias de classe e de raça. Numa sociedade baseada na hierarquia em termos de classe, sexo e raça como a brasileira, é muito provável que a discussão sobre o fracasso escolar dos rapazes possa ser tomada como veículo para reforçar a masculinidade hegemônica.

Palavras-chave: Ensino Médio; Desigualdade de Gênero e raça; Racismo; Masculinidades Negras; Defasagem educacional.

Introdução

Em face a números incontornáveis no Brasil e, principalmente na Região Nordeste onde existe uma maior defasagem escolar dos rapazes, a presente pesquisa busca investigar as possíveis relações entre masculinidades negras e desempenho escolar no Ensino Médio em Escola Pública na cidade de São Félix, no Recôncavo da Bahia – Bahia. Esse estudo investigativo tenta evidenciar uma inflexão relacionada com as questões da defasagem escolar dos rapazes no ensino médio, baseando-se na análise dos dados e na discussão dos temas como desigualdade de gênero e de raça, masculinidades, defasagem dos rapazes em relação às moças, espaço escolar, Recôncavo Baiano, relações étnico-raciais e identidades raciais.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Consideraríamos ainda aqui dois aspectos que nos parece relevantes. O primeiro é ratificar o atraso escolar crônico da educação brasileira que vem afetando de maneira diferenciada rapazes e moças e, em segundo lugar, a distribuição percentual dos estudantes por curso frequentado, segundo sexo-cor/raça. Partindo, por exemplo, de dados do PNAD¹/2009, Rosenberg & Madsen (2011) construíram gráficoⁱ sobre a distribuição percentual dos estudantes por curso frequentado, segundo sexo-cor/raça onde se percebe que são as mulheres brancas que apresentam uma distribuição mais igualitária considerando todos os níveis de ensino, sendo 48,8% delas no Ensino Fundamental, 16,5% no Ensino Médio e 16,5% na Graduação. Com os homens negros, a realidade é outra: 63,1% deles no Ensino Fundamental, 13,1% no Ensino Médio, e 5,8% na Graduação. Os homens negros apresentam uma distribuição bastante desigual: se concentram no Ensino Fundamental, alcançando, em pequena proporção, o ensino superior. Um fato previsto, haja vista que o EF é o único nível de ensino praticamente universalizado e o de maior duração (nove anos). Por isso, é natural que ele abarque a maior proporção de estudantes. A existência de uma concentração de estudantes do sexo masculino no Ensino Fundamental, no entanto, não pode ser considerada um avanço, significa, outrossim, que não estão conseguindo sair dessa etapa (SENKEVICS, 2011). Outro dado visibilizado pelo gráfico/dados é que enquanto as mulheres brancas atravessam o fundamental, o médio e chegam às faculdades, os meninos negros ficam retidos no fundamental, levando assim o aumento da sua proporção nesta etapa.

Em outro gráficoⁱⁱ que se refere à distorção série-idade no Ensino Médio segundo cor/raça e, os índices do PNAD/2009, as análises de Rosenberg & Madsen (2011), não deixam dúvidas: a taxa de distorção série-idade é praticamente o dobro para homens negros, se comparado às mulheres brancas. Os dados, inevitavelmente revelam que as mulheres/meninas apresentam escolarização mais adequada, se comparados aos homens/meninos, a população branca igualmente, comparando com a população negra, ou seja, brancos/as apresentam melhores indicadores que negros/as e, dentro desses grupos, as mulheres/meninas vão melhor, nos dois casos. Interroguem, portanto, com veemência: até quando iremos esperar que uma política pretensamente neutra em gênero e raça de conta de eliminar essas desigualdades? O que precisamos, a nosso ver, são medidas mais específicas, que se dirijam para as desigualdades que atingem determinados grupos.

¹ Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Entender como os jovens negros, estudantes do ensino médio, em escola pública, no Recôncavo Baiano, significam as relações de gênero e atribuem sentidos à(s) masculinidades e à(s) feminilidade(s) pode significar um exercício para averiguar (des) continuidades nos significados socialmente manipulados, disponíveis e/ou construídos pela juventude para moldar suas experiências e valores (SOUZA, 2010, p. 110). Sem dúvida, uma nova abordagem, haja vista um reduzido número de pesquisas acadêmicas com foco centrado na compreensão dos repertórios, significados e ideias em circulação no imaginário de rapazes sobre masculinidade (SOUZA, 2010, p. 112), principalmente na articulação com as questões de raça, de gênero e de desempenho escolar. Dessa forma, a visibilidade dos resultados escolares de jovens rapazes e moças tem sido a vantagem de trazer para o espaço escolar a masculinidade, como categoria de análise, tornando-se um problema de investigação científica.

Em verdade, a análise das formas de masculinidades construídas internamente à sala de aula ou à escola, mesmo em relação às diferentes expectativas das famílias para os meninos e meninas é um caminho pouco explorado no Brasil. Portanto, nosso estudo poderá sugerir alternativas para melhor compreensão desse fenômeno e, assim, contribuir na construção de novas possibilidades de enfrentamento da discussão sobre masculinidades e sobre relações intra-escolares. É justamente nesse contexto que insistimos que a escola, como qualquer outro lugar de formação social, deve ser pensada como sendo ativamente constituída sobre os fundamentos das diferentes hierarquias e contradições que informam as relações sociais, especialmente as de gênero, raça e classe (Rosemberg, 1991).

Metodologia

Partindo da constatação de que índices de evasão/abandono, em âmbito nacional, têm sido mais altos para jovens do sexo masculino, em especial para jovens negros, como já expressamos, nossa análise se baseia em procurar compreender o modo como a construção social da(s) masculinidade(s) condiciona o percurso escolar masculino entre estudantes do Ensino Médio em escola estadual na cidade de São Félix, Bahia².

² A cidade de São Félix, estimada/2013 de 15.000. <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=290490&search=||info%El%ficoficos:-informa%E7%F5es-completas>



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Para tanto, recorre-se à observação participante, a grupos focais, rodas de conversas, oficinas, questionários e entrevistas semiestruturadas com nossos sujeitos, jovens homens entre 14 a 24 anos sobre gênero, educação, desigualdade e defasagem escolar, cultura popular, identidade negra. Como processo metodológico, privilegiou-se uma linha qualitativa de natureza interpretativa, buscando centrar-se na compreensão da conduta humana através do próprio sujeito e da complexidade das situações que o enquadram. Por isso, consideramos o relato narrativo como material reflexivo rico em significados das ações de cada jovem estudante. Reconheceríamos que, dessa maneira, as experiências relatadas sobre a escolarização, podem ser pensadas e interpretadas “como a chave aos símbolos culturais que estruturam e fundamentam as masculinidades em sua relação com o rendimento escolar” (BRITO, 2011, p. 4). Referimos-nos as experiências concretas, vividas e sentidas e seus prováveis efeitos na construção de uma identidade masculina negra nesse nosso contexto periférico.

É dessa forma, privilegiando uma linha qualitativa de natureza interpretativa, que pretendemos focar na compreensão das representações a partir do próprio sujeito e das construções assumidas na complexidade dos contextos que o enquadram, assim como das formações discursivas e das relações de poder subliminares, sob a forma do poder simbólico. O que eles dizem sobre a própria defasagem em relação às meninas? O que nos dizem sobre a escola, o que pensam dela?

Para abordar a relação que os jovens estudantes estabelecem entre suas trajetórias escolares, a construção da(s) masculinidade(s), suas experiências, seus projetos de vida e as contribuições da escola para a sua realização, é necessário que se leve em conta, pelo menos duas questões: a sua vivência determinada por experimentações nas várias dimensões da vida subjetiva e social, e o jovem que existe no estudante. Para Leão, Dayrell & Reis (2011, p. 1068), o estudante do ensino médio é compreendido apenas na sua dimensão de aluno, e assim, pouco se apreende sobre os sujeitos reais que frequentam a escola, as múltiplas dimensões da sua experiência social, suas demandas e expectativas.

O jovem que cursa o ensino médio busca espaço e tempo para refletir sobre seus anseios, seus desejos, suas experiências vividas. De que maneira, então, a escola se posiciona diante dessa realidade? Que relação a escola tem com o abandono dos jovens do sexo masculino do ensino médio? Será que a instituição escolar, seus gestores e professores procuram refletir sobre a



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

realidade desses jovens? E quais são [de fato] os projetos de vida desses jovens, suas demandas e as expectativas que colocam na escola?

Discussão

Ao realizar um levantamento sobre o fracasso escolar nos deparamos com números que, na maioria dos contextos brasileiros, os meninos e rapazes na região Nordeste, são menos propensos a permanecer na escola e serem aprovados (HARBISON & HANUSHEK, 1992, p. 70), por exemplo. Essa vantagem das meninas reafirmada principalmente nos últimos 20 anos faz com que alguns pesquisadores visualizem esta “defasagem” a favor delas mais como um reflexo dos problemas específicos enfrentados pelos meninos no processo de escolarização do que o fato de as mulheres estarem conquistando seu lugar na sociedade por meio da educação (ROSEMBERG, 2001; CARVALHO, 2004).

É justamente como consequência dessa revelação trazida por Rosemberg (2001) e Carvalho (2004) que desejamos enfrentar o desafio de buscar compreender os processos cotidianos que têm conduzido estudantes - jovens negros, a abandonarem a escola no ensino médio, em escola pública na cidade de São Félix, no Recôncavo Baiano. Além disso, procurar aprofundar o modo como a construção social da(s) masculinidade(s) condiciona o percurso escolar desses jovens, observando os processos de subjetivação e ouvindo o que dizem nossos atores sociais, sobre seus percursos e experiências. Destaca-se também reconhecer o padrão dominante de masculinidade que a própria escola constrói e desempenha. Numa sociedade como a brasileira, reprodutora de desigualdades históricas, onde as incertezas e a imprevisibilidade preponderam, qual é o lugar que a escola ocupa – de que maneira a escola contribui para a reprodução das desigualdades? E mais: que relação os estudantes veem entre o trabalho que fazem em sala de aula e as vidas que levam fora dela? Poderíamos agregar, por exemplo, aspectos da sua cultura vivida no trabalho da escolarização, sem estar somente confirmando aquilo que eles já sabem, sem banalizar os objetos e as relações que são importantes para os estudantes. Nesse contexto além de interrogar qual o significado da escola no entendimento desses jovens, ainda precisaríamos interpretar qual a relação desses sujeitos com a escola, que lugar é esse no entendimento desses jovens no interior da Bahia?

Nas sociedades contemporâneas, as aprendizagens sociais acontecem em diferentes contextos – na família, na escola, na mídia, em grupos de pares, cada uma com sua importância



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

distinta a cada período da vida. A escola possui uma relevância na forma como instiga a construção de uma forma específica de masculinidade e de feminilidade, principalmente na regulação do corpo e na promoção de comportamentos considerados “adequados”. A escola assume, assim, um papel ativo na construção de identidades apelando a mensagens estereotipadas sobre as possibilidades disponíveis para cada sexo, ou seja, a existência de um discurso direcionado para um estudante neutro é feita em paralelo com uma intensa normalização de áreas adequadas a cada um dos sexos. Nessa perspectiva, Guacira Louro (2000, p. 41) reitera que “a escola está absolutamente empenhada em garantir que meninos e meninas se tornem homens e mulheres que correspondam às formas hegemônicas de masculinidade e feminilidade”.

Ora, ao analisarmos as próprias pesquisas sobre o fracasso escolar verificamos que este fenômeno educacional - um dos mais complexos fenômenos educacionais (LOUZANO, 2013, p. 115), está associado à organização escolar, às relações existentes dentro da escola, e, mais amplificadamente, às dimensões políticas, históricas, raciais, sociais e institucionais, o que, definitivamente, só ratificam a complexidade do fenômeno (PATTO, 1991). Alguns estudos chegam a chamar a atenção e mostram a associação entre o fracasso escolar e determinadas características dos estudantes, não só a origem racial, mas igualmente seu sexo, origem familiar e a região onde mora (LOUZANO, 2004, 2013; ALVES, ORTIGÃO, FRANCO et al., 2007)³. Hasenbalg (1999) e Silva (2000 e 2002) reforçam essa ideia e revelam que, além das questões ligadas à inscrição racial dos estudantes, as desigualdades educacionais entre brancos e negros são geradas por diferenças de renda, região de domicílio, estrutura familiar, escolaridades dos pais e estrutura do sistema de ensino.

Atenta a essa realidade, Carvalho (2009) põe em relevo interações entre sexo e cor da pele na construção de sofríveis resultados entre meninos pretos ou pardos. Seus estudos realizados por uma década deixa transparecer que aspectos fenótipos relacionados à cor preta são frequentemente associados pelos professores à pobreza e ao baixo desempenho dos estudantes. São estatísticas nacionais que persistem indicando de maneira evidente a diferença de desempenho escolar entre

³ O abandono e a evasão como aspectos centrais do fracasso escolar serão aqui analisados. Reconheceríamos o abandono e a evasão quando o estudante deixa de frequentar a escola durante o andamento de determinado ano letivo, ou, no segundo caso, quando conclui o ano letivo, porém não se matricula na escola no ano seguinte, independente de ser aprovado ou não.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

meninos/rapazes e meninas/moças, e que os maiores problemas se referem ao grupo de alunos negros do sexo masculino (CARVALHO, 2004, p. 250-251).

Vários são os autores que nos revelam o termo *fracasso escolar* como um fenômeno que engloba e inter-relaciona baixo rendimento acadêmico, repetência, evasão e abandono (CARRAHER & SCHIEMAN, 1983; ROCHA, 1983; PATTO, 1991; FREITAS, 2002). Para Paula Louzano (2013, p. 112), o fracasso escolar afeta de forma diferenciada estudantes de distintos grupos sociais, econômicos e étnico-raciais, uma vez que as oportunidades educacionais não são igualmente distribuídas no país.

Uma maior visibilidade ao problema da defasagem dos rapazes contribui, certamente, para fortalecer a discussão da masculinidade no espaço escolar e para encará-la como uma categoria analítica, um problema real de investigação científica. Sem sombra de dúvida, uma nova abordagem considerando que até bem pouco tempo os temas relacionados com a vida e a trajetória de mulheres eram considerados objetos de estudos e necessitavam intervenção (CARRITO & ARAÚJO, 2013, p. 139).

Nesse mesmo ponto, talvez seja necessário explicitar que, no quadro do mundo ocidental, considera-se que *ser um homem de verdade*, está relacionado à racionalidade, ao autocontrole e sucesso na vida pública e privada. Luis Santos (2009, p. 42) fala que “tornar-se homem traduz-se, afinal, num processo de construção identitária livremente escolhido, uma espécie de apresentação teatral de si próprio” que, em sua opinião, confere, afora todos os mecanismos e constrangimentos sociais, a cada sujeito, a capacidade de agência sobre a sua vida.

Ser homem é, pois, uma aprendizagem ao longo da vida, um ideal que se persegue com a “submissão ao modelo e obtenção dos privilégios do modelo” (WELZER-LANG, 2001, p. 461). O modelo, por meio de práticas incessantemente reproduzidas, assegura que o poder é exercido por *certo tipo* de homens que possuem privilégios e ascendência sobre outros grupos masculinos e sobre as mulheres. Ao falar de “modelo” relacionamos com as contribuições de Connell (2001) para o conhecimento da(s) masculinidade(s) no campo sociológico. Ela defende a existência de diferentes formas de *ser homem* que são histórica, social e culturalmente construídas, ou seja, a masculinidade é a forma como cada sociedade interpreta e usa os corpos masculinos (e também femininos). A autora introduz ainda o conceito de masculinidade hegemônica⁴, definida como referência –

⁴ Na conceituação de Connell (2001), a masculinidade hegemônica é um conjunto de práticas exercidas tanto por



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

modelo. Esta masculinidade de referência tem sustentado, ao longo dos tempos, a dominação masculina, ocupando uma posição dominante em determinado tempo e lugar.

Conclusão

O objetivo de conhecer as formas cotidianas de geração do fracasso escolar mais acentuado entre rapazes do que entre moças determina a nossa necessidade de investigar as relações de gênero e raça e interrogar a produção dessas desigualdades educacionais. Não se trata, nesse caso, de analisar se rapazes e moças, são mais aptos, mais rápidos ou mais afetos à aprendizagem escolar – em geral ou especificamente. Aqui, o cerne se fixa sobre os processos que tem conduzido um maior número de rapazes, a abandonar a escola no ensino médio na região do Recôncavo Baiano.

Esse trabalho de pesquisa desenvolve-se na tentativa de verificar possíveis intersecções entre gênero, raça e desempenho escolar e, por isso, tem como base entrevistas e relatos desses jovens sobre suas experiências e trajetórias escolares vividas até esse momento. Mesmo não excluindo as análises quantitativas, pois são também especiais na análise de dados estatísticos relativas ao fracasso escolar dos rapazes e moças no Brasil e na região Nordeste, mais especificamente, nosso objetivo não está enraizado na quantificação do problema, e sim na compreensão dos processos que levam ao desinteresse escolar a partir da perspectiva dos nossos sujeitos através da escuta.

Por fim, analisar a juventude e seus modos de vida tem constituído uma maneira auspiciosa de perceber as transformações que se operam num mundo globalizado. Talvez não seja mais possível aceitar, portanto, explicações simplistas, alarmistas e unicamente descritivas sobre as desigualdades educacionais que comprometem o desempenho dos jovens negros no ensino de modo geral. Epstein et al (1998; BRITO, 2009, p. 37), afirmam, por exemplo, que uma oposição fixa se instalou no campo dos estudos sobre fracasso escolar, de forma que o sucesso feminino é visto como um campo histórico dos movimentos feministas, que foi obtido e se manteve ao longo do tempo à custa dos prejuízos educacionais masculinos.

Referências

homens quanto mulheres que respondem ao problema da legitimação do patriarcado, isto é, que garante, tanto em nível local quanto global, a contínua subordinação das mulheres pelos homens.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

ALVES, F.; ORTIGÃO, I.; FRANCO, C. Origem social e risco de repetência: integração raça-capital econômico. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 37, n. 130, p. 161-180, 2007.

BRITO, R. Gênero, raça e fracasso escolar: algumas articulações analíticas. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO, 3., 2011, Ponta Grossa, *Anais eletrônicos do 3º Congresso Internacional de Educação ISSN 2176-1868*. Ponta Grossa: UEPG, 2011. Disponível em: <http://www.isapg.com.br/2011/ciepg/download.php?id=108> Acesso em: 16 set. 2014.

_____. *Masculinidade, raça e fracasso escolar: narrativas de jovens na Educação de Jovens e Adultos em uma escola pública municipal de São Paulo*. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. 2009. 325 f. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-02092009-111837/pt-br.php> Acesso em: 17 ago. 2014.

CARRAHER, T.; SCHIEMAN, A. Fracasso escolar: uma questão social. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 45, p. 3-19, mai. 1983. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_isoref&pid=S0100-15741983000200001&lng=pt&tlng=pt Acesso em: 21 ago. 2014.

CARRITO, M.; ARAÚJO, H. A “palavra” aos jovens: a construção de masculinidades em contexto escolar. *Educação, Sociedade & Culturas*, n. 39, p. 139-158, 2013.

CARVALHO, M. Quem são os meninos que fracassam na escola? *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 34, n. 121, p. 11-40, jan./abr. 2004.

_____. *Avaliação escolar, gênero e raça*. Campinas: Papyrus, 2009.

CONNELL, R. W. Educando a los muchachos: Nuevas investigaciones sobre masculinidad y estrategias de gênero para las Escuelas. *Revista Nómadas*, Bogotá, n. 14, p. 156-170, abr. 2001.

FREITAS, L. A internalização da exclusão. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 23, n. 80, p. 299-325, set. 2002.

HARBISON, R.; HANUSHEK, E. *Educational performance of the poor: lessons from rural Northeast Brazil*. Oxford: Oxford University Press for World Bank, 1992.

HASENBALG, C.; SILVA, N. Família, cor e acesso à escola no Brasil. In: HASENBALG, C.; SILVA, N.; LIMA, M. *Cor e estratificação social*. Rio de Janeiro: Contra Capa, p. 126-147, 1999.

LEÃO, G.; DAYRELL, J.; REIS, J. Juventude, projetos de vida e ensino médio. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 32, n. 117, 2011, p. 1067-1084, out./dez. 2011.

LOURO, G. *Corpo, gênero e sexualidade*. Porto: Porto Editora, 2000.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

LOUZANO, P. Racial inequalities in Brazilian primary education: how fracasso escolar and race interrelate with student's gender, family background, and region of residence. *Qualifying Paper*. HARVARD University, 2004.

_____. Fracasso escolar: evolução das oportunidades educacionais de estudantes de diferentes grupos raciais. *Cadernos Ceppec*, São Paulo, v.3, n. 1, p. 111-133, 2013.

PATTO, M. *Produção do fracasso escolar*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.

ROCHA, A. Contribuição das revisões de pesquisa internacionais ao tema evasão e repetência no primeiro grau. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 45, p.57-65, 1983.

ROSEMBERG, F.; MADSEN, N. Educação formal, mulheres e gênero no Brasil contemporâneo. In: BARNSTED, L. L.; PITANGUY, J. (Org.). *O Progresso das Mulheres no Brasil 2003-2010*. Rio de Janeiro: CEPIA; Brasília: ONU Mulheres, p. 390-434, 2011.

ROSEMBERG, F. Escola Formal, Mulher e Gênero no Brasil Contemporâneo. *Revista Estudos Feministas*, v. 9, n. 2, 2º sem., p. 515-540, 2001.

_____. Raça e Educação Inicial. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 77, maio, p. 25-34, 1991.

SANTOS, L. *Tornar-se homem: dramaturgias em torna das apresentações de si, das emoções e dos efeitos em palcos, off-line e online*. 2009. 326 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Educação e Psicologia do Minho, Braga, 2009.

SENKEVICS, A. A escola é hostil aos meninos? *Ensaio de Gênero*, 02 dez. 2011. Disponível em: <http://ensaiosdegenero.wordpress.com/2011/12/02/a-escola-e-hostil-aos-meninos?/> Acesso em: 01 out. 2014.

SILVA, N.; HASENBALG, C. Tendências da desigualdade educacional no Brasil. *Dados*, Rio de Janeiro, v. 43, n. 3, p. 423-445, 2000.

SILVA, N. Recursos familiares e transcrições educacionais. *Cadernos de Saúde Pública*. Rio de Janeiro, v. 18, p. n. 3, p. 423-445, 2002.

SOUZA, R. Rapazes negros e socialização de Gênero. *Cadernos Pagu* (34), jan./jun., p. 107-142, 2010.

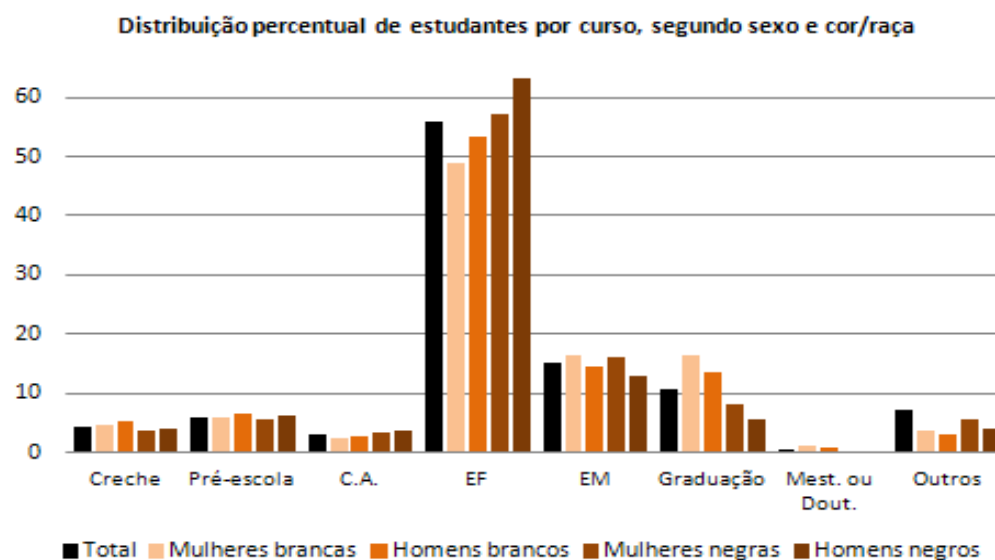
WELZER-LANG, D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 9, p. 460-482, 2001.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

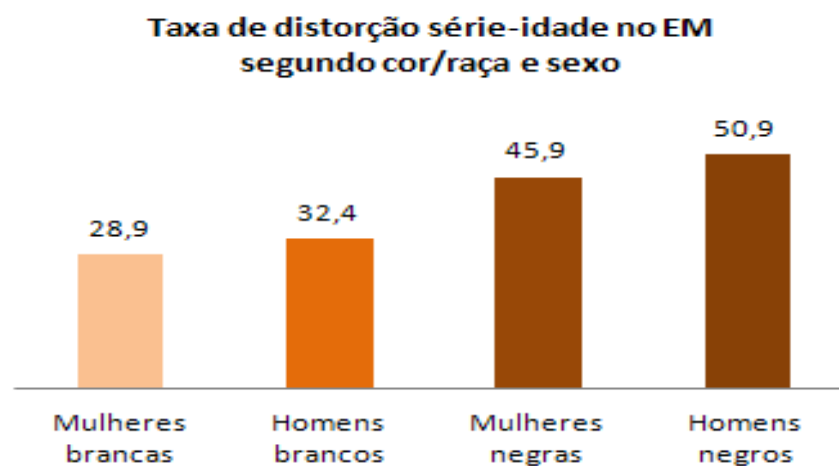
Anexos

i



Distribuição percentual dos/as estudantes por curso frequentado, segundo o sexo e cor/raça. Legenda: C.A. (Classe de Alfabetização), EF (Ensino Fundamental), EM (Ensino Médio). (Fonte: PNAD 2009, baseado em Rosemberg & Madsen, 2011).

ii



Taxa de distorção série-idade no ensino médio segundo cor/raça e sexo. (Fonte: PNAD 2009, baseado em Rosemberg & Madsen, 2011).